



Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

Educação: Políticas, Estrutura e Organização 7

Atena
Editora
Ano 2019

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Educação: Políticas, Estrutura e Organização

7

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : políticas, estrutura e organização 7 / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Educação: Políticas, Estrutura e Organização; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-308-8

DOI 10.22533/at.ed.088190304

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Currículo escolar – Brasil. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. 4. Políticas educacionais. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação: Políticas, Estrutura e Organização – Parte 7” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007).

O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola nem sempre é o melhor lugar para que ela ocorra. A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular.

A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade.

Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINO HÍBRIDO: A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO PARA O ENGAJAMENTO DO ALUNO NAS DISCIPLINAS SEMIPRESENCIAIS	
Adriano Rosa Alves Eliza Adriana Sheuer Nantes	
DOI 10.22533/at.ed.0881903041	
CAPÍTULO 2	17
ENTRE A LEGISLAÇÃO E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE O PPC DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA DA UFPA	
Erita Evelin da Silva Silva Wilma de Nazaré Baía Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.0881903042	
CAPÍTULO 3	29
ENTRE METODOLOGIAS E PROJETOS DE PESQUISA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM LICENCIANDOS EM MÚSICA	
Elisa da Silva e Cunha Maria Cecília de Araujo Rodrigues Torres	
DOI 10.22533/at.ed.0881903043	
CAPÍTULO 4	37
ERA UMA VEZ... UM DIÁLOGO COM A LITERATURA INFANTIL E O CORPO EM MOVIMENTO	
Sára Maria Pinheiro Peixoto Ana Aparecida Tavares da Silveira Fabyana Soares de Oliveira Marcilene França da Silva Tabosa Maria Aparecida Dias	
DOI 10.22533/at.ed.0881903044	
CAPÍTULO 5	47
ESCOLA DE PALHA, DE MADEIRA OU DE TIJOLOS? A IMPORTÂNCIA DA INFRAESTRUTURA DAS ESCOLAS PÚBLICAS NA PROMOÇÃO DA PERMANÊNCIA E SUCESSO ESTUDANTIL	
Mariana Rocha Fortunato Beatriz Oliveira Duarte Simone Braz Ferreira Gontijo	
DOI 10.22533/at.ed.0881903045	
CAPÍTULO 6	56
ESCOLA EFICAZ: QUAL É O OLHAR DOS DOCENTES DAS ESCOLAS EM TEMPO INTEGRAL DE PERNAMBUCO?	
Vilma Cleucia de Macedo Jurema Freire	
DOI 10.22533/at.ed.0881903046	

CAPÍTULO 7	65
ESPIRAL DE SENTIDOS E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA PARA GRADUANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFRN	
Josângela Bezerra da Silva Marcelo dos Santos Bezerra Elda Silva do Nascimento Melo	
DOI 10.22533/at.ed.0881903047	
CAPÍTULO 8	77
ESSE PAPEL NÃO É SÓ SEU, É DA ESCOLA!	
Elcio Galioni Fernanda Aparecida Loiola Barbosa Mariana Fogaça Marcelo	
DOI 10.22533/at.ed.0881903048	
CAPÍTULO 9	83
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ANÁLISE E PERCEPÇÃO DAS AULAS DE MATEMÁTICA	
Antonia Dália Chagas Gomes Cibelle Euridice Araújo Sousa Francisco Jucivânio Félix de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0881903049	
CAPÍTULO 10	91
ESTUDO COMO ATIVIDADE ARTÍSTICA	
Adriana Vieira Lins Ciro Bezerra Claudio da Costa Alluska Souza Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.08819030410	
CAPÍTULO 11	100
ESTUDO E VIRTUDE: CONTRADIÇÕES NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Ciro Bezerra Daniella Meneses de Oliveira Arroxellas Denis Avelino Roseane Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.08819030411	
CAPÍTULO 12	108
ESTUDO SOBRE OS PRIMEIROS PLANOS DE AULA APRESENTADOS POR ALUNOS DE UMA GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA	
Otávio Vieira Sobreira Júnior Francisco Wagner de Sousa Paula Lydia Dayanne Maia Pantoja Germana Costa Paixão	
DOI 10.22533/at.ed.08819030412	

CAPÍTULO 13	118
EXAME NACIONAL PARA CERTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DE JOVENS E ADULTOS: COMPETÊNCIA, CERTIFICAÇÃO E NEGAÇÃO	
Marcilene Ferreira Rodrigues Valdivina Alves Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.08819030413	
CAPÍTULO 14	132
EXPECTATIVA VS REALIDADE: JOVENS ALÉM DOS FONES DE OUVIDO	
Alice Luz Elisa da Silva e Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.08819030414	
CAPÍTULO 15	142
EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO SUPERIOR: O RELATO DE UMA ESTUDANTE SURDA EM UMA ESCOLA INCLUSIVA	
Cristiane Gomes Ferreira Sabrina de Azevedo Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.08819030415	
CAPÍTULO 16	152
EXPERIÊNCIAS ELENCADAS NO PROJETO “LETRANDO NO LUGAR ONDE VIVO!” APLICADAS NA ESCOLA MUNICIPAL DR. MILTON SOLDANI AFONSO, EM CAMPO MAIOR – PIAUÍ	
Julianna Soares de Sousa Márcia Cristina dos Santos Costa	
DOI 10.22533/at.ed.08819030416	
CAPÍTULO 17	169
EXPLORANDO O CORPO HUMANO: DISCURSOS EM LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO	
Jucenilde Thalissa de Oliveira Fernando Vinícius Pereira de Almeida Jackson Ronie Sá-Silva Marcos Felipe Silva Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.08819030417	
CAPÍTULO 18	174
FALTA DE ATIVISMO DOCENTE: DESCARACTERIZAÇÃO DA PROFISSÃO - CENTRO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Genilda Alves Nascimento Melo Célia Jesus dos Santos Silva Andréia Quinto dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.08819030418	

CAPÍTULO 19 185

FATORES DA EVASÃO ESCOLAR: NA ESCOLA JOSÉ DO PATROCÍNIO, DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA, NO DISTRITO DE FAZENDINHA EM MACAPÁ, AMAPÁ – BRASIL

Maria Raimunda Valente de Oliveira Damasceno
Nilda Miranda da Silva
Diana Socorro Leal Barreto
Eliana da Silva Rodrigues
Irany Gomes Barros

DOI 10.22533/at.ed.08819030419

CAPÍTULO 20 196

FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE LIBRAS EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS PARANAENSES

Josiane Junia Facundo de Almeida
André Luis Onório Coneglian
Antônio Aparecido de Almeida
Cleusa Camargo de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.08819030420

CAPÍTULO 21 207

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM CONTEXTOS VIRTUAIS: AS REDES DE COLABORAÇÃO COMO NOVAS FORMAS DE APRENDER E ENSINAR

Ana Lúcia de Souza Lopes
Marili Moreira da Silva Vieira
Claudia Coelho Hardagh

DOI 10.22533/at.ed.08819030421

CAPÍTULO 22 219

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: O DIÁLOGO E A PARTICIPAÇÃO COMO PRINCÍPIOS FORMATIVOS

Maria Perpétua do Socorro Beserra Soares

DOI 10.22533/at.ed.08819030422

CAPÍTULO 23 231

FORMAÇÃO CONTINUADA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR? O LUGAR DO TÉCNICO ADMINISTRATIVO EM EDUCAÇÃO

Nancy Costa de Oliveira
Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas

DOI 10.22533/at.ed.08819030423

CAPÍTULO 24 243

FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O ENSINO DA DIVERSIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

Oswaldo Jefferson da Silva

DOI 10.22533/at.ed.08819030424

CAPÍTULO 25 254

FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE O ENSINO DE MATEMÁTICA E CIÊNCIAS DA NATUREZA

Adriana Camejo da Silva Aromá
Paulo Fraga da Silva

DOI 10.22533/at.ed.08819030425

CAPÍTULO 26 265

FORMAÇÃO TÉCNICA E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: REFLEXÕES DA EDUCAÇÃO PERMANENTE COM A PRÁTICA

Queila Carla Ramos da Silva Alcantara
Ana de Kássia Silva Lyra
Sebastião Soares Lyra Netto
Jedida Severina de Andrade Melo
Rosilene Tarcisa da Silva Lisboa
Andréia Gilzélia de Arruda Santana
Paula Helena da Rocha Silva

DOI 10.22533/at.ed.08819030426

CAPÍTULO 27 282

FRACSAIS COMO EIXO INTEGRADOR ENTRE AS DISCIPLINAS DE QUÍMICA E ARTES

Samara Régia de Andrade
Pascoal Eron Santos de Souza
Marianne Louise Marinho Mendes
Cristhiane Maria Bazilio de Omena

DOI 10.22533/at.ed.08819030427

CAPÍTULO 28 290

FUNÇÕES QUADRÁTICAS ATRAVÉS DE AULAS DINAMIZADAS COM SOFTWARE: UMA PROPOSTA PARA O EJA

Rosângela Araújo da Silva
Luana da Silva Dantas Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.08819030428

CAPÍTULO 29 298

FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PRESENTES EM PESQUISAS COM MODELAGEM MATEMÁTICA EM ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA BOLEMA

Daniel Santos de Carvalho
Everton Soares Cangussu
Naralina Viana Soares da Silva Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.08819030429

CAPÍTULO 30 310

GAMIFICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Cristiana Marinho da Costa
Janaina Alves de Lima
Nathalya Marillya de Andrade Silva
Josley Maycon de Sousa Nóbrega
Jefferson Silva Costa
Quercia Carvalho Eloi

DOI 10.22533/at.ed.08819030430

CAPÍTULO 31	315
GÊNERO: UMA ANÁLISE DOS MATERIAIS DIDÁTICOS EM UMA ESCOLA CATÓLICA	
Selmara Lima de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.08819030431	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	320

EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO SUPERIOR: O RELATO DE UMA ESTUDANTE SURDA EM UMA ESCOLA INCLUSIVA

Cristiane Gomes Ferreira

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/
DEDC-X

Teixeira de Freitas - Ba

Sabrina de Azevedo Evangelista

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/
DEDC-X

Teixeira de Freitas - Ba

RESUMO: Esse trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência vivenciado no estágio supervisionado por uma estudante surda. Ela estuda licenciatura matemática na Universidade do Estado da Bahia – *Campus X* e para ela foi a primeira experiência como estagiária/professora em uma escola inclusiva. A estudante é também a primeira surda matriculada no *Campus*, desse modo esse estágio foi um processo de aprendizagem para todos os envolvidos. A metodologia apresentada trabalha com uma abordagem qualitativa porque enfatiza o processo e não o produto e o método é uma pesquisa narrativa, pois relata os fatos e experiências do pesquisador. Esse artigo tem uma particularidade, foi escrito pela orientadora e pela estudante surda, e por esse motivo a escrita em alguns tópicos apresenta as especificidades da cultura surda no que diz respeito a língua portuguesa. Não é considerado

erro, mas a forma do surdo compreender e interpretar a escrita em português. Os autores que embasaram esse trabalho foram Pimenta e Lima (2005), Sá (2011), Quadros (2006), dentre outros. O resultado desse artigo foi o relato da experiência do estágio supervisionado de uma estudante surda do curso de matemática em uma escola inclusiva, no qual vivenciou a prática docente.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio Supervisionado; Surdez; Escola Inclusiva.

ABSTRACT: This work aims to present a report on the experiences lived by a deaf student in the supervised internship. She is graduating for a degree in mathematics in the Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus X and for her, this was the first experience as an intern\ teacher in an inclusive school. The student is also the first deaf student enrolled on Campus, thus, this internship was a learning process for all parts involved. The methodology presented works with a qualitative approach, because it emphasizes the process and not the product, and the method is a narrative research, because it tells the facts and experiences of the researcher. This article has a particularity, it was written by the advisor and by the deaf student, for this reason, the writing in some topics presents the specificities of the deaf culture in relation to the portuguese language. It is not considered

error, but the way of the deaf to comprehend and interpret the portuguese writing. The authors that based this work were Pimenta e Lima (2005), Sá (2011), Quadros (2006), amongst others. The result of this article was the report on the experiences lived by a deaf undergraduate student of a mathematics degree in the supervised internship in an inclusive school, in which she experienced the teaching practices.

KEYWORDS: Supervised Internship; Deafness; Inclusive School

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo relatar a experiência do estágio supervisionado que uma estudante surda do curso de matemática da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação *Campus X*, vivenciou em uma escola inclusiva no ensino fundamental I.

O estágio supervisionado é um momento de experiência prática, na qual o estudante tem a oportunidade de vivenciar a docência. É um período muito importante, pois é possível aliar a teoria com a prática. Pimenta e Lima (2005) entendem que o estágio é um campo de conhecimento no qual ocorre uma superação da prática instrumental, uma vez que ocorre uma interação entre o meio acadêmico e o campo social, o que se constitui em um momento também de pesquisa.

Esse artigo assume relevância acadêmica, pelo fato de acreditarmos que as narrativas de experiências formadoras podem trazer novas reflexões para o ensino da matemática, já que a estudante que participou do estágio e da escrita desse trabalho é surda, matriculada no 7º semestre do curso de Licenciatura em Matemática, o que revela uma singularidade e experiência inovadora para a orientadora, a própria estudante, os demais professores, os estudantes e a própria escola na qual o estágio foi realizado.

Necessário esclarecer que esse trabalho possui duas escritas, uma da orientadora e outra da estudante surda que tem a língua portuguesa como segunda língua e por esse motivo a redação em alguns tópicos apresenta ‘falhas’ no que diz respeito a norma padrão da língua portuguesa. Essa forma de escrita foi deixada no trabalho, pois se considerou a cultura surda e suas características linguísticas, sem, contudo, perder o rigor acadêmico das normas.

Quadros (2006) descreve que os surdos passam por diferentes processos na fase de produção textual da Língua Portuguesa (LP). A fluência na escrita da LP, vai depender dos conhecimentos da Língua de Sinais (LS) e de como ocorreu o ensino da LP como segunda língua nas séries iniciais. Assim, é possível encontrar as seguintes características na maneira de escrever de alguns surdos: (a) construções frasais sintéticas com estrutura gramatical de frase muito semelhante à LS (L1); (b) poucas características do português (L2), (c) falta de conectivos (artigos e preposições, conjunções), (d) uso de verbos no infinitivo, (e) falta de flexão nos nomes em gênero, número e grau, dentre outros. Desse modo, foi considerado a maneira como a

estudante escreve e interpreta a LP. Foram realizadas algumas correções para melhor compreensão na leitura, entretanto, a essência da escrita foi preservada.

O trabalho se caracteriza com uma abordagem metodológica qualitativa, pois existe uma subjetividade pelas experiências humanas e como método utilizou-se a pesquisa narrativa que de acordo com Sahagoff (2015) esse tipo de pesquisa busca compreender a experiência humana, ou seja, é um estudo de histórias vividas e contadas, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores. Os autores que embasaram o trabalho foram Pimenta e Lima (2006), Felício e Oliveira (2008), Sahagoff (2015), Quadros (2006), Sá (2011), dentre outros.

O trabalho está organizado em três tópicos relevantes para compreensão do processo: revisão teórica sobre educação de surdos, importância do estágio na formação profissional do estudante e o relato de experiência/metodologia, seguido das considerações finais.

RESUMO DA HISTÓRIA DO POVO SURDO

Começar história dos surdos cidade Grécia e Roma antiga, eles não ter direitos e pessoas pensar surdos deficientes. Roma falar e pensar pessoa surdo não gosto ruim porque surdo não pode comunicar. Família medo esconder surdo casa.

Na Grécia pessoa pensar surdo deficiente, surdos morrer jogados no rio. Escrever autora Strobel (2009, p. 18) “Egito e Pérsia, os surdos eram considerados como criaturas privilegiadas, enviados dos deuses, porque acreditavam que eles comunicavam em segredo com os deuses”.

O Aristóteles falar surdo não ter linguagem também não pensar. Surdo pouco audição não ter nada, Aristóteles dizer nascer surdo-mudo ser pessoa incapaz.

Idade moderna, Girolamo Cardano falar e reconhecer surdo. Falar surdo aprender e desenvolver e surdo precisar uso língua de sinais. Pedro Ponce de Leon primeiro criar escola surdo ensinar física e latim. Ele criar escola professor surdo, usar metodologia dactilologia, escrita e oralização.

Idade Contemporânea, Abade Charles Michel antes morrer criar 21 escolas surdos França e Europa. Jean Itard falar surdo pode treinar ouvir palavras. Medico escrever língua sinais ajudar memória surdos.

Eduardo Huet vir Brasil professor surdo praticar licença, o imperador D. Pedro II abrir escola surdo.

Em 1857 primeira escola surdo no rio “Imperial instituto dos surdos-mudos”, hoje INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Nessa escola misturar língua de sinais francesa com línguas surdos regiões Brasil, depois criar a Libras (língua brasileira de sinais).

Em 1880, primeiro Congresso surdos-mudos, onde Milão-Itália método oral votado escola surdos línguas sinais não pode ilegal, surdo não poder usar língua de

sinal, Alexander Graham ajudar no Congresso, defender método oral surdo.

Em 2002 Brasil criar Lei Libras 10.439, importante reconhecer língua surdos. E, 2005 Decreto 5626/2005 obrigar ensinar Libras universidades licenciaturas e ter interpretes escolas.

Povos surdos querer língua libras Brasil. Lei Libras importante, estudante aprende melhor Libras. Escola professor falar boca, não tem comunicação, difícil surdo, ele não entender, precisar interprete.

Surdo quer escola bilingue. Povo surdo quer aprender língua bilingue, Libras e português, cultura surda ter expressão visual. O direito educação surdo quer, ensinar e escrever pode surdo.

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

O estágio é o momento no qual o estudante tem a oportunidade de estar na escola vivenciando experiências como futuros professores, bem como observar o que estudou e aprendeu nos encontros teóricos em sala de aula. Não existe dicotomia entre a teoria e prática, são momentos que ocorrem em espaços diferenciados, mas que são interdependentes.

Nessa compreensão, pode-se afirmar que a atuação do professor em sala de aula é o momento de observar, fazer, planejar e interagir com o estudante em uma relação que deve ser ação/reflexão/ação. Desse modo o estágio não é apenas um momento de prática, é também uma reflexão da teoria aprendida em sala de aula.

O Ensino Fundamental I é um dos espaços de atuação do professor e como tal, deve ser o local onde o estudante possa atuar e vivenciar toda as atividades de uma escola. Assim sendo, o estágio nessa modalidade de ensino para o estudante é um importante momento de sua formação inicial.

Pimenta e Lima (p. 12-13, 2005) colocam que:

A prática educativa (institucional) é um traço cultural compartilhado e que tem relações com o que acontece em outros âmbitos da sociedade e de suas instituições. Portanto, no estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores se apropriem da compreensão dessa complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais, como possibilidade de se prepararem para sua inserção profissional. É, pois, uma atividade de conhecimento das práticas institucionais e das ações nelas praticadas.

Pode-se concluir que o estágio supervisionado é um momento de extrema importância para o aluno surdo. A experiência e vivência da estudante de matemática em uma escola do ensino fundamental constitui papel preponderante em sua formação como futuro docente. É nesse espaço, a escola, onde ela vai interagir com as crianças, professores e todo o funcionamento de uma instituição.

A instituição onde o estágio foi realizado, é importante destacar, tem políticas

de inclusão, é uma escola inclusiva, na qual recebe estudantes surdos. Ela é uma instituição “Pólo” na rede municipal da cidade de Teixeira de Freitas/Ba, pois concentra uma quantidade de estudantes surdos matriculados. A escolha dessa escola foi proposital para favorecer a estudante surda, pois precisava de um ambiente no qual ela tivesse plena participação e contato com outros alunos surdos.

Existe uma crítica ao modelo de escola inclusiva por alguns estudiosos da educação de surdos (Sá (2011), Quadros (2006), Silva (2008), dentre outros), já que consideram essa escola como excludente e não atende às necessidades do povo surdo. Na atualidade eles vem em defesa de uma escola bilíngue, na qual a Língua (L1) seja a Libras e a Língua (L2) LP.

A escola tem de se preparar para atender a todos, indiscriminadamente. No entanto, o direito de “estar” num lugar não faz desse “o melhor lugar para se estar”. Antes do “direito de estar em qualquer lugar” há o “direito de estar no melhor lugar”. Os surdos têm o direito de estar num ambiente plenamente favorável e propício ao seu desenvolvimento linguístico, cultural, social, comunitário e pessoal”. Sem uma língua que possa intermediar a ação comunicativa, nada pode ser construído, e o que pode acontecer é as partes envolvidas (no caso a professora e os alunos Surdos) fingirem que participam de uma interação e que uma comunicação real está acontecendo. Ou dizendo de uma forma totalmente aberta: o aluno finge que aprende, e o professor finge que ensina. (SÁ, 2011, p. 11)

Sá (2011) vem justamente defender a escola bilíngue para surdos e expressa claramente que a escola inclusiva não atende às especificidades da pessoa surda, pelo fato dela precisar ser alfabetizada em sua língua materna (LS) e posteriormente aprender a (LP).

Nessa compreensão a estudante surda e todos os envolvidos, tiveram uma experiência riquíssima, pois além de planejar o seu trabalho, a estudante participou em sala de aula como docente em uma situação inversa de uma escola inclusiva (Professor ouvinte e intérprete em sala de aula – Libras como segunda língua para o estudante surdo). No estágio a estudante surda participou como se estivesse em uma escola bilíngue (ministrou as aulas em Libras, com o intérprete para traduzir para os ouvintes, nesse momento os estudantes surdos receberam instrução diretamente da Libras).

Assim, pode-se refletir que essa experiência do estágio foi de muito aprendizado e de certo modo inovador. Torres (2012) descreve que a vivência do estágio deve ter ações inovadoras e com rupturas paradigmáticas. E foi isso que aconteceu com todos os envolvidos, professores, escola, universidade, colegas, estudantes e intérprete de Libras.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA E A MINHA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

O CAMINHO METODOLÓGICO

A metodologia desse trabalho teve uma abordagem qualitativa e utilizou-se da pesquisa narrativa para contar como foi a experiência. Segundo Abrahão (2003) as investigações narrativas permitem ao pesquisador realizar pesquisas qualitativas que refletem a própria experiência, as suas representações da realidade, os seus significados e reinterpretações.

Esse artigo, portanto, conta a experiência de estágio de uma estudante surda em uma escola da rede municipal no ensino fundamental I que estuda Licenciatura em Matemática na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. É um trabalho escrito a duas mãos, orientadora e orientanda que juntas vivenciaram aprendizagens mútuas, em uma relação dialógica do ensinar e aprender. A orientadora ao mesmo tempo que ensinava, também aprendia Libras com a estudante. O processo foi de troca de conhecimentos em todos os momentos.

Na construção desse trabalho a dialogicidade foi uma prática metodológica empregada, pelo fato de reconhecer que nesse contexto acadêmico duas culturas se misturavam e com isso havia a necessidade de se ter respeito e cuidado com outro. Considera-se nesse processo, uma relação horizontal, na qual a educação precisa ter sentido. Nos encontros de orientação e estudos, Paulo Freire foi um dos teóricos que embasou a relação docente/discente, pois a docente não tem fluência em Libras, aprendia a língua com a estudante e a estudante recebia apoio para os estudos e acompanhamento pedagógico da docente. A relação, portanto, ocorre de maneira horizontal, que como relata Freire (1967) é:

Uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade [...]. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, p. 107, 1967).

Não tem como ocorrer de maneira diferente, pois como defende Paulo Freire nossos encontros têm confiança e aprendizagem para ambas, ou seja, há uma troca, e, principalmente, a certeza de que o trabalho realizado servirá para bases futuras. Não foi, e não é uma relação fácil do ponto de vista da comunicação (Libras/Gestual visual e Português/oral auditiva), entretanto aos poucos percebe-se o crescimento das duas.

Desse modo, para esse relato de experiência optou-se em manter a escrita da estudante, sem perder as especificidades culturais e características próprias da pessoa surda no que se refere à língua portuguesa, apenas efetuando algumas mudanças

para melhor entendimento do texto.

O ESTÁGIO EM UMA ESCOLA INCLUSIVA DA REDE MUNICIPAL

ESTÁGIO SALA AULA UNEB

Começar estagio sala aulas nós estudar professora Sinoélia. Ela falar gosto muito brincadeira. Quero matemática aula aluno aprender, escola crianças felicidade.

A professora falar precisa estágio com dois ou três alunos UNEB, preciso e organizar estagio papel. Colocar suas ideias cada aulas, escrever.

Professora Sinoélia falar importante estágio aluno ir ensinar feliz, raiva não pode, não gosto, brincadeira sorrir importante.

Estágio ensinar escola bom aluno UNEB, aprender professor ensino brincadeira, também ensinar soma, adição, multiplicação. Estágio importante aluno UNEB organizar aula. Criança falar não gosto matemática, não pode faltar brincadeira, criança aprende fácil matemática.

Com base nos parágrafos acima, Barreiro e Gebran (2006) destacam que o estágio coloca-se como teórico-prático e não como teórico ou prático. Isso porque ele deve proporcionar aos estagiários, maior entendimento das práticas e ações realizadas dentro das instituições escolares e que os cursos de formação para professor, devem pautar-se por conteúdos e atividades no decorrer do estágio que discutam o contexto da formação, da atuação profissional, as dimensões éticas e políticas do trabalho do professor.

Ensinar brincadeira matemática criança precisa. Criança aprender matemática suave tranquilo. Ensina aprender soma ou multiplicação ou subtração.

Metodologia importante porque aluno organizar ensino matemática. Objetivo como sala ensinar e estudar, criança aprender brincadeira matemática. Estagio gosto porque professora Sinoélia falar aluno escrever ideia, aluno escrever papel, mostrar aluno viver estágio matemática gosto bom.

ESTÁGIO ESCOLA INCLUSIVA

Apresentar estágio curso matemática junto colegas Yasmim, Micaely. O estágio Escola Vila Vargas, Ensino Fundamental I. Nós planejar o estágio antes e escrever objetivos, conteúdos (somar, dividir e multiplicar), metodologia e avaliação.

O estágio acontecer toda quarta-feira manhã 07h até 11:30h e quinta feira 07h e 11:30h. O estágio ter interprete junto em sala de aula, Davi Nascimento. Ele fazer interpretação dos ouvintes e também interpretar o que eu explicar.

Na primeira semana Yasmim começou e explicar como seria as aulas estágio e o assunto explicar. Na segunda semana Micaely falar assunto também e explicar

brincadeiras. Ter o interprete Davi Luiz que fazia a interpretação quando precisar, no começo eles acharam diferente uma professora surda, mas depois não achar estranho porque a escola é um polo de educação de surdos.

Pimenta e Lima (2005) defendem que um curso de formação para professor estará auxiliando o estudante quando possibilite o treinamento em situações experimentais de determinadas habilidades para o bom desempenho docente. Acontecer isso no estágio eu fazer, ter situações novo para estudantes UNEB, alunos escola Vila Vargas e professor.

O estágio fez ver crianças não tem melhor base conteúdos matemáticos, operações básicas não conseguir realizar. Porém, através dos jogos matemáticos e brincadeiras eles sentir feliz a aprender. Sempre quando chegar sala de aula eles perguntar se hoje ter brincadeiras e nós responder que sim, então pular de alegria.

Segundo Felício e Oliveira (2008) o estágio curricular auxilia no processo de ensino e de aprendizagem, pelo fato de inserir o estudante na realidade do cotidiano escolar e preparar o aluno para o exercício da profissão. Assim, o estágio mostrar difícil alunos matemática e importância professor sala aula.

O jogo brincar fazer esquecer que estudar e aprender, porque eles brincar. Quando colega não saber fazer e errar, o outro colega ajudar e rir muito. No final brincar uma bala ou chocolate era sempre aluno feliz. Sempre esperar ansiosos quarta-feira ou quinta, dia que acontecia o estágio.

Cada dia era duas a três atividades práticas, uma que estudantes gostar, foi o bingo da soma que usar feijão para marcar, eles pular alegria e ficar ansiosos para acabar fim linha ou a cartela porque aluno ganhar ter brinde. Também ter o bingo da soma em que os alunos ter que saber qual a parte completar valor. Esse bingo, alunos ter dificuldades, difícil eles fazer, porque não entender, mas depois explicar bem e eles entender.

Nós no estágio ficar duas professoras diferentes. Uma na quarta outra na quinta. Elas ter diferenças, mas elas duas ter cuidado com alunos sala de aula, elas respeitar cada aluno e ajudar.

Estágio importante para estudo estudante. O resultado foi aprender professor escola, ver alunos feliz brincar jogos matemáticos e ajudar planejar aula junto colegas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio, portanto, foi muito significativo para todas as pessoas envolvidas, para a própria estudante surda, bem como para os alunos da escola, professores, as colegas de grupo do estágio e o intérprete.

A narrativa efetuada pela estudante demonstra que ela participou do planejamento com as colegas de grupo e essa experiência possibilitou vivenciar o dia a dia de uma escola inclusiva. Percebe-se na escrita dela, o entendimento em relação a prática docente, a participação nas aulas do componente estágio, sobre a importância de

se aprender matemática de maneira lúdica e que a docência é feita com professores engajados e conscientes do seu papel.

O estágio mostrou também as necessidades dos estudantes na sala de aula, as carências do fundamental I em relação à linguagem matemática, e, sobretudo como é a realidade de uma escola inclusiva, na qual tem a presença de interpretes para garantir a mediação entre uma pessoa surda e os ouvintes com a Língua Brasileira de Sinais (Libras)

Outro aspecto salientado nesse trabalho, é que a história oral descrita pela estudante surda, apresenta a realidade da maioria dos surdos brasileiros que tem a língua portuguesa como segunda língua e por esse motivo exibe uma escrita com verbos no infinitivo e frases sem conectivos. Assim, esperamos também que esse trabalho possa trazer compreensão sobre a cultura surda e seu modo de pensar e escrever em Português.

Foi também um processo de aprendizagem para orientadora, que com paciência e compreensão, pode possibilitar a estudante surda a realização desse artigo. A satisfação de realização e conclusão foram sentimentos vivenciados por todas as duas com esse trabalho.

“Estágio importante trabalho escola aprender escrever e fazer trabalho professor”.¹

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena M. Barreto. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. História da educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003.
- BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- BRASIL. Presidência da República. **Decreto n. 5626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- FELÍCIO, Helena M. dos Santos; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. A formação prática de professores no estágio curricular. **Rev. Educar**; Curitiba, n. 32, p. 215-232, 2008. Editora UFPR. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n32/n32a15>. Acesso em 08/11/2017.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 1967. Disponível em http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/livro_freire_educacao_pratica_liberdade.pdf. Acesso em 23/10/2017.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**. Vol. 3, número 3 e 4, pp. 5-24, 2005. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/view/10542>. Acesso em 20/05/2015.
- QUADROS, Ronice Muller de. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Ronice Muller Quadros, Magali L. P. Schiedt. Brasília: Mec, SEESP, 2006.
- SÁ, Nídia de. **Surdos: qual escola?** Manaus: Editora Valer e Edua, 2011.

1 Escrita da estudante

SAHAGOFF, Ana Paula. **Pesquisa narrativa**: uma metodologia para compreender a experiência humana. Disponível em Acesso em 30/05/2008.

SILVA, Aline Pacheco et al. Conte-me sua história: reflexões sobre o método de história de vida. **Rev. Mosaico**: estudos em psicologia, v. 1, nº 1, 25-35, 2007. Disponível em <https://seer.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/4344>. Acesso em 02/09/2016.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis, 2009. Disponível em http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificahistoriaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em 21/03/2017

TORRES, Mônica Moreira de Oliveira. Estágio supervisionado e pesquisa: articulação necessária na formação de pedagogos. In SOARES, Sandra Regina; BORBA, Valquíria C. M. **Ensino e aprendizagem**: análise de práticas. Salvador: EDUNEB, 2012 (Série Práxis e docência universitária; v.1)

SOBRE A ORGANIZADORA

Gabriella Rossetti Ferreira

- Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).
- Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.
- Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
- Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-308-8

